



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ANA PAULA MARINHO DE FARIAS

**A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE EM “INSUBMISSAS
LÁGRIMAS DE MULHERES”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

JOÃO PESSOA
2018

ANA PAULA MARINHO DE FARIAS

A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE EM “INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Letras Português na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cláudia F. Gualberto.

JOÃO PESSOA
2018

ANA PAULA MARINHO DE FARIAS

A REPRESENTAÇÃO DA MATERNIDADE EM “INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Monografia aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Claudia F. Gualberto (UFPB)
Presidente

Profa. Dra. Fabiana Ferreira da Costa (UFPB)
Examinadora

Profa. Ma. Ariela Fernandes Sales (UFPE)
Examinadora

Profa. Dra. Gracilene Felix da Silva (UFRN)
Suplente

Dedico este trabalho a todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para sua conclusão. Dedico a toda minha família, pai, irmãos em especial, minha mãe, Dona Cida, que sempre esteve ao meu lado me motivando e fazendo acreditar que apesar das dificuldades, um dia tudo daria certo. Dedico também ao meu fiel companheiro Luciano Alves, que como esposo e amigo sempre me apoiou ficando com nosso filho Nickolas, todas as noites para que pudesse estudar. Dedico também a minha amiga Ângela Meyre que dividiu comigo todas as alegrias, conhecimentos e dificuldades encontradas nessa tão corrida vida universitária.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a Deus pela sabedoria e iluminação a mim dada na produção desse trabalho. Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Ana Claudia Gualberto, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória. Aos meus colegas de sala. À Secretaria do Curso, pela cooperação.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer esse desafio.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

“Gosto de ouvir, mas não sou a hábil conselheira.
Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias
também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos.
Não os meu, mas de quem conta”.

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal mostrar que na literatura de Conceição Evaristo há um novo olhar para a maternidade, estigmatizada desde muito tempo pela cultura patriarcal, como algo “Perfeito”. A definição de maternidade passa a depender das implicações e vivências de cada mulher, que como mães, são as únicas capazes de revelar o que de verdade está em seu íntimo. Esse novo *corpus literário* apresentado por Conceição Evaristo preenche uma certa ausência que existia da voz feminina na literatura, especificamente a voz da mulher/mãe que na maioria das escritas literárias é vista como objeto existente apenas para a constituição da identidade do outro. Assim, nessa nova perspectiva a mulher/mãe deixa de ser representada como coadjuvante e passa a atuar como protagonista da sua história.

Palavras - Chave: Cultura Patriarcal; - Maternidade; - Autoria Feminina; - Escrevivência; - Protagonismo.

ABSTRACT

This academic work has as main objective to show that in the literature of Conceição Evaristo, there is a new look at maternity, stigmatized for a long time by the patriarchal culture, as something "Perfect". The definition of maternity depends on the implications and experiences of each woman, as mothers are the only ones capable of revealing what is really inside her. This new literary corpus presented by Conceição Evaristo, fills the absence that existed of the female voice in literature, specifically the voice of the woman / mother that in most literary writings is seen as an existent object only for the constitution of the identity of the other. Thus, in this new perspective the woman / mother ceases to be represented as a supporting actor and starts to act as the protagonist of her story.

Keywords: Patriarchal Culture; - Maternity; – female author; - Writing; - Protagonism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 01	
A MULHER/MÃE NA LITERATURA: DA AUSÊNCIA À ESCRIVÊNCIA	13
1.1 - Shirley Paixão: a madrasta heroína.....	18
1.2 - Isaltina Campo Belo: a maternidade que liberta.....	20
CAPÍTULO 02	
A MATERNIDADE E SUAS PLURALIDADES.....	26
2.1 - Lia Gabriel e as marcas do machismo.....	26
2.2 - Saura Benevides Amarantino: a mãe transgressora.....	33
2.3 - Histórias que se completam: insubmissas lágrimas.....	38
3 - Considerações Finais.....	40
Referências Bibliográficas.....	43

INTRODUÇÃO

Há muito tempo a definição de Maternidade moldada aos padrões patriarcais, aquela que defende a “mãe perfeita” como sendo a que ama, cuida, protege e sacrifica-se pelos filhos, vem sendo apontada como responsável pelo atrofamento da liberdade feminina.

Hoje percebemos que a maternidade vem perdendo esse posto, pois a mulher já é capaz de escolher exercer ou não a maternidade, mesmo que sofra retaliações sociais. Deste modo, existem muitas mulheres que dedicam sua vida ao trabalho e aos estudos, ser mãe para elas, é carta fora do baralho, como também há mulheres que acreditam que ser mãe é a realização de um sonho necessário para torná-las completas.

Levando em consideração essas diferentes visões surge-nos a ideia de aprofundar nossos estudos nessa temática, na tentativa de buscar na literatura registros dessa nova forma de ver a maternidade.

Ao deparar-nos com a leitura do artigo *Ressignificando a maternidade: psicanálise e literatura*, de Cristina Stevens, doutora em Estudos Linguísticos e Literário em Inglês pela Universidade de São Paulo, encontramos uma problemática no que concerne à falta da voz materna, a voz da mulher/mãe na literatura.

Acredita-se que essa ausência é de fato um dos fatores que contribuem para a difícil tarefa de se quebrar ou ao menos amenizar socialmente o conceito de mãe que nos é imposto pela cultura patriarcal.

Com o objetivo de mudar essa ausência da voz da mulher/mãe na literatura, buscamos para o nosso trabalho os pensamentos da autora Conceição Evaristo, que em seu ensaio *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* traz para literatura o que ela define como novo *corpus literário*, aquele que valoriza a escrita através da vivência do indivíduo.

Tendo em vista esse novo *corpus*, buscaremos evidenciar a existência da mulher/mãe como protagonista da sua história, como a responsável na apresentação dos seus conceitos para com a maternidade. Só ela pode nos revelar o que acontece em seu íntimo e o que considera ser o melhor para si. Desta forma achamos pertinente trabalhar com o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de Conceição Evaristo.

Maria Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, filha de uma lavadeira, cresceu na favela, tornou-se doutora em Literatura, consagrou-se como escritora e tem lugar de destaque dentro e fora do movimento negro.

Conceição Evaristo, principal expoente da literatura brasileira e afro-brasileira com destaque internacional, apresenta uma literatura voltada para as profundas reflexões sobre raça e gênero, além de considerar importante dar espaço para que outras mulheres negras se apresentem na literatura.

Durante a década de 80, participou do grupo *Negrícia: poesia e arte de crioulo* que atuava realizando recitais de textos literários em favelas, presídios e bibliotecas públicas, entre outras atividades.

Em 1990 publica seu primeiro poema nos *Cadernos Negros*, série criada e organizada pelo grupo Quilombohoje em 1978, que tornou-se principal veículo de divulgação da escrita de autores que resolvem colocar no papel suas experiências e visão de mundo. Evaristo, desde então não parou, além de publicar diversos contos e poemas, lançou algumas obras individuais, dentre elas, *Ponciá Vicêncio* (2003/2006), *Becos da Memória* (2006), *Poemas de recordações e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014) e *Historias de leves enganar e pareências* (2016).

Algumas dessas obras foram traduzidas para outras línguas, como por exemplo, *Ponciá Vicêncio* que em 2008 foi traduzida para a língua inglesa e em 2015 juntamente com *Becos da Memória* ganham sua tradução francesa pela editora Anacaona.

Dentre as obras supracitadas destacamos como objeto do nosso trabalho, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, que voltada à revelação de retratos de solidariedade e afeição feminina, ganha em 2016, uma edição comemorativa devido ao aniversário de 70 anos da autora.

Defendendo esse novo *corpus literário* que apresenta a temática da escrevivência, Conceição Evaristo viaja por várias cidades, na busca de mulheres negras que aceitassem contar suas histórias. Composto por treze contos, esse livro revela os medos, desejos, sofrimentos e lutas dessas mulheres. Todas são personagens-título, desta forma, escolhemos quatro contos para compor nosso trabalho: *Shirley Paixão*, *Isaltina Campo Belo*, *Lia Gabriel* e *Saura Benevides*

Amarantino são fortes representantes das diferentes faces da maternidade trazida para a nossa literatura.

Assim, nosso trabalho será dividido em dois capítulos; no primeiro, faz-se um aparato geral sobre a maternidade na visão de alguns teóricos como Adrienne Rich (1981) e Nancy Chodorow (1978), além de apresentar os pensamentos de Cristina Stevens e Conceição Evaristo. Seguindo essa perspectiva, terminaremos o capítulo com a análise dos contos *Shirley Paixão* e *Isaltina Campo Belo*, baseando-nos nas implicações apresentadas.

No segundo capítulo continuaremos a análise literária, desta vez com os contos *Lia Gabriel* e *Saura Benevides Amarantino*, seguindo as mesmas discussões do primeiro capítulo e finalizaremos com uma análise geral de todos os contos.

Com esse trabalho pretendemos chamar a atenção do/a leitor/a para o conhecimento de uma visão sobre a maternidade que busca romper com os paradigmas patriarcais a partir do texto literário e que a cada dia ganha mais força na nossa sociedade.

CAPÍTULO 01

A MULHER/MÃE NA LITERATURA: DA AUSÊNCIA À ESCRIVÊNCIA

As mulheres desde muito tempo vêm sofrendo as consequências de um sistema que caracterizado como cultura, determina o que é “certo” e “errado” para a sociedade.

Levando em consideração essas marcas ainda atuantes na nossa sociedade, consideramos importante mostrar a sua prática na vida das mulheres/mães e até que ponto influencia suas visões de mundo.

No artigo *Ressignificando a maternidade: psicanálise e literatura*, Cristina Stevens faz um aparato de teóricos que buscam através de uma perspectiva psicanalítica a definição para o termo Maternidade, tentando desconstruir os mitos patriarcais que circundam tão complexo tema. Mitos esses que definem a maternidade como algo “perfeito” que depende exclusivamente da mulher, que por natureza, deve se doar por inteiro a tal processo.

Segundo Stevens, considerar a maternidade como um fato unicamente biológico, seguir concepções religiosas, mitológicas e socioculturais, são de fato ações que podem e contribuem para uma forte influência na deformidade no que se refere ao seu conceito.

Saindo hoje de um sistema puramente biológico e levando a questão da significação da maternidade para o espaço público, a autora afirma que a mãe tradicional se junta a outras formas diversificadas de ser, quebrando assim os estereótipos patriarcais.

Hoje, debatemos a função e status da maternidade no espaço público, e sua complexidade aumenta à medida que o sentido de maternidade se diversifica, uma vez que a mãe tradicional vem juntar-se a mãe adotiva, a mãe lésbica, o homossexual que materna, a mãe de aluguel, a mãe adolescente, a mãe solteira, a mãe prisioneira, a mãe pobre, negra, a mãe genética etc.(STEVENS, 2005, pág.1)

Com essa citação podemos afirmar que o ser mãe está, de certa forma, diretamente relacionado às vivências da mulher/mãe, suas diversidades e cultura. Porém, na maioria das vezes essa cultura, nos padrões patriarcais, é definida como algo natural, algo que vem desde o nascimento e, com isso, esses comportamentos

aprendidos e praticados são aceitos pela mulher contribuindo para a sua dominação e exploração. De forma passiva e acreditando ser a única responsável pelos cuidados com o filho a mulher/mãe se torna submissa perante seu marido.

Cristina Stevens afirma que a partir dos anos 70, houve em alguns teóricos, interesse na busca pela conscientização da mulher sobre as cruéis distorções das formulações patriarcais sobre a maternidade. Essas distorções na maioria das vezes negativas ocasionam na mulher um desinteresse, no que se refere à busca pela identificação com a maternidade.

Sendo assim, há uma tentativa de despertá-las para as qualidades positivas dessa condição. Essa instigação se dá através de produções teóricas e resgate de relatos de experiências individuais que há muito foi manipulado pelo patriarcado. Relatos esses que definem o conceito de maternidade a partir da concepção de cada um. Dentre as produções teóricas Cristina Stevens cita a autora Adrienne Rich (1981) que tem forte influência nos estudos sobre esta problemática. Rich afirma que:

As mulheres têm sido mães e filhas, mas têm escrito muito pouco sobre esse assunto; a grande maioria das imagens literárias e visuais da maternidade vem até nós filtrada através da consciência masculina, individual ou coletiva. Assim que uma mulher sabe que uma criança está crescendo dentro do seu corpo, ela encontra-se sob o poder de teorias, ideais, arquétipos, descrições sobre sua nova existência; quase nenhuma das quais desenvolvidas por outras mulheres (embora outras mulheres possam transmiti-las); todas essas ideias flutuam invisivelmente ao redor dela desde que ela se percebeu mulher pela primeira vez, e como tal, uma mãe em potencial. Precisamos saber o que, em meio ao caótico processo de criação de imagens e produção de teorias, vale a pena ser salvo, pelo menos para entendermos melhor uma ideia tão crucial para a história, a condição que tem sido violentamente arrancada das próprias mães para dar suporte ao poder dos pais. (RICH, 1981 -1, pág.62)

Rich adverte-nos sobre a importância da autoria feminina na desconstrução de hipóteses inadequadas que correspondem à maternidade. Contrapõe uma transformação e modificação da definição maternal que construída pela cultura patriarcal, aquela que padroniza a mãe “perfeita”, silencia a mulher/mãe, que não se enquadra nesse padrão, fazendo-a desconsiderar o que está em seu íntimo e que, por muitas, é ocultado por medo de sofrer retaliações e para manter a estrutura familiar. Mas, o que seria na verdade essa Cultura Patriarcal?

Na cultura patriarcal a mulher já nasce sabendo que terá como única função, sem questionamentos, a procriação e os cuidados com os filhos. O marido é o chefe da família, responsável pelo sustento de todos. A mulher, por sua vez mãe, deve dedicar-se com muito amor a sua família e se necessário deve sacrificar-se pelo bem de todos. Para o neurobiólogo chileno *Humberto Maturama*, na cultura patriarcal há essa exigência pelo poder e obediência de um indivíduo para com o outro.

Em nossa cultura patriarcal, repito, vivemos na desconfiança da autonomia dos outros. Apropriamo-nos o tempo todo do direito de decidir o que é ou não legítimo para eles, no contínuo propósito de controlar suas vidas. Em nossa cultura patriarcal, vivemos na hierarquia, que exige obediência. Afirmamos que a uma coexistência ordenada requer autoridade e subordinação, superioridade e inferioridade, poder e debilidade ou submissão. E estamos sempre prontos para tratar todas as relações, humanas ou não, nesses termos.¹

Retornando à Rich, ela também aponta que algumas narrativas mitológicas usurparam da mulher o poder da criação, definindo o homem como o único responsável pelo princípio da alma na formação da vida. A autora ressalta a carência da voz feminina e materna nos romances literários, voz essa que poderá contribuir para a quebra desses estereótipos que enaltecessem a figura masculina, além de serem de fundamental importância na busca pelas reais concepções e posições da mulher na condição de mãe. Sobre essas observações Cristina Stevens afirma:

Direcionando essas preocupações para o terreno da literatura, percebemos que os textos literários de uma certa forma reforçam esse silêncio sobre gestação, parto, relação mãe/filha, maternação. Além disto, a mãe não aparece como um indivíduo em si: pensar a mãe nesses romances é pensar sua intrínseca qualidade relacional – ou seja, a mãe existe a partir de sua “produção” de uma criança, e sua identidade é, portanto, inexistente fora dessa díade. (STEVENS, 2005, pág.9).

Enfatizando a importância da literatura na construção de novos conceitos sobre a maternidade, a autora salienta a importância da mulher/mãe se tornar o sujeito principal das construções textuais. Acredita-se que a literatura apresentada

¹ Transcrição do tópico intitulado *Cultura Patriarcal* do capítulo *Conversações Matrísticas e Patriarcais* do livro de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller (1993): *Amor y Juego: Fundamentos Olvidados de lo Humano - Desde el patriarcado a la democracia*, traduzido e publicado no Brasil como *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano - Do patriarcado à democracia* (São Paulo: Palas Athena, 2004). Neurobiólogo chileno.

através de suas vivências contribuirá para a definição real da sua posição, pois na maioria das vezes são representadas como forças que existem apenas como condição para o desenvolvimento da subjetividade do outro. Representações essas que podem ser encontradas tanto em romance de autoria feminina como masculina.

Como exemplo de algumas dessas representações podemos citar o conto *Cinderela*, órfã de mãe, ela é criada pelo pai que casa-se com outra mulher, a madrasta, que trata *Cinderela* como empregada, com desprezo e é responsável por seus sofrimentos até que a mãe morta transfigurada em animais e numa fada madrinha traz de volta o seu conforto ao prepará-la para o baile real, onde conhece o príncipe e casa-se com ele. Aqui fica claro que a mãe é definida como um anjo sendo o único capaz de amar, cuidar e proteger seu filho.

Stevens presume que hoje, com a ajuda da força feminista e relatos de autoras/mães, podemos dizer que já se abrem caminhos para novos conceitos que concernem à maternidade, um resultado satisfatório na construção da identidade dessas mulheres/mães.

Acreditando na importância da mudança dessa visão patriarcal relacionada à maternidade, exprimindo a necessidade da voz da mulher/mãe como principal objeto dessa conjuntura, apresentamos como representante dessas vozes há muito silenciadas, a autora Conceição Evaristo que faz um trabalho de destaque no que se refere à figura feminina e seus processos de subjetividade.

No ensaio *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, Conceição Evaristo aborda a existência de um novo *corpus literário* específico na literatura brasileira, o qual ela e outros autores e críticos literários apresentam como: “uma produção escrita marcada pela subjetividade do homem e mulher negra”.

Esse *corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2009, pág. 17).

Nesta citação a autora enfatiza que para poder escrever sobre algo ou alguém é primordial que o indivíduo experimente, vivencie a situação a ser abordada. Ao estabelecer uma relação com as afirmações de Rich sobre a necessidade de uma voz feminina na literatura que enfatize a maternidade, podemos dizer que esse *corpus*, mesmo que esteja “direcionado a homens e mulheres

negras”, serve como referência no processo de construção da identidade da mulher/mãe.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que as vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2016, pág. 7).

Buscando valorizar essa temática da “escrevivência”, Conceição Evaristo visita várias cidades em busca de personagens femininas que sem conceito prévio aceitam se contar, fazendo, assim, parte do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, composto por 13 contos que retratam os medos, desejos e lutas dessas mulheres. Quebrando a definição patriarcal de que existe apenas a mãe tradicional, desconstruindo a visão sexista de que a mulher negra é estéril e serve apenas como objeto sexual, a autora traz à tona o novo modelo de mãe citado mais acima por Cristina Stevens.

Com as personagens *Shirley Paixão*, *Isaltina Campo Belo*, *Lia Gabriel* e *Saura Benevides*, temos exemplos de mães negras, adotivas, lésbicas, e solteiras que lutam pela permanência e valorização de seus ideais.

Percebendo a importância de mostrar as mudanças trazidas à literatura brasileira, onde a mulher/mãe deixa de ser coadjuvante e passa a ocupar lugar de protagonista, faremos a análise dos contos supracitados, evidenciando as diferentes formas que Conceição Evaristo apresenta a maternidade de suas personagens.

1.1 - *Shirley Paixão: a Madrasta Heroína*

Em *Shirley Paixão*, deparamo-nos com um enredo composto por sete personagens, Shirley como protagonista, o marido como antagonista e as filhas como personagens secundárias.

A protagonista tem sua vida simples de mãe solteira totalmente alterada ao se envolver com um homem viúvo que traz para ela, três filhas, as quais Shirley adota como suas. “As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Mãe me tornei de todas. E assim seguia a vida cumpliciada entre nós. Eu, feliz, assistindo às minhas cinco meninas crescendo. Uma confraria de mulheres”. (EVARISTO, 2016, pág.28).

Shirley enfatiza que as meninas eram tão parecidas que alguém jamais diria que eram filhas de mães e pais diferentes. A protagonista nos revela que todas, sem exceção, eram suas filhas, e essa união e cumplicidade entre elas, às vezes, incomodava ao “homem da casa”, com o qual ela tinha um bom relacionamento e que, como pai sempre foi muito presente. (...) vivíamos bem, as brigas e os desentendimentos que às vezes, surgiam entre nós eram por questões corriqueiras como na vida de qualquer casal. (EVARISTO, 2016, pág.27). Shirley Paixão afirma que não se importava com a implicância do marido com relação à forte aliança que existia entre ela e as meninas, mas que no fundo sabia ou pressentia algo ruim.

Não sei explicar, mas, em alguns momentos, eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele. Mas como? Por que ele? (EVARISTO, 2016, pág.28)

Na verdade, podemos observar nessa passagem um elemento correspondente à cultura patriarcal; de que toda mulher/mãe deve ter uma intuição materna, aquela em que a mãe com uma força interior pode sentir e prever o que está para acontecer ou até mesmo o que já aconteceu com o seu filho.

Amando todas igualmente como filhas, Shirley Paixão se sente impotente ao descobrir que seu companheiro violentava sua própria filha, aquela que ele trouxe quando beirava seus nove anos.

Seni, a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos, sempre foi a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras. Era capaz de ficar longo tempo de mãos dadas com as irmãs, ou comigo, sem dizer nada, em profundo silêncio. Ao pai, faltava paciência, vivia

implicando com ela. Via-se que Seni não era a sua preferida, pelo contrário. (EVARISTO, 2016, pág. 28 e 29).

A situação vivida por Seni, também fez com que Shirley Paixão trouxesse à tona outra característica da cultura patriarcal, ela ao ver aquele homem “machucando” sua filha, exteriorizou o que a cultura patriarcal denomina “Amor materno”, aquele que ao perceber o sofrimento do filho, a mãe como forma de protegê-lo é capaz de tudo.

Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, chamavam por socorro. (...) Naquele instante, a vida para mim perdeu o sentido, ou ganhou mais, nem sei. Eu precisava salvar minha filha que, literalmente, estava sob as garras daquele monstro! Seria matar ou morrer. Morrer eu não poderia, senão ele seria vitorioso e levaria seu intento até o fim. E a salvação veio. Uma pequena barra de ferro, que funcionava como tranca para a janela, jazia em um dos cantos do quarto. Foi só um levantar e abaixar da barra. Quando vi, o animal ruim caiu estatelado no chão. (EVARISTO, 2016, pág.32). O homem não estava morto. Recuperou a vida na cadeia. Eu vivi ainda tempos de minha meia-morte, atrás das grades, longe das minhas filhas e de toda a minha gente, por ter quase matado aquele animal. Fiquei três anos presa, depois ganhei a condicional. (EVARISTO, 2016, pág. 33 - 34)

Ao agredir aquele que tinha sido por três anos seu marido e que Shirley se dera muito bem, deixando de lado todos os momentos bons que vivera com ele, ela cumpre o papel de mãe (tradicional) em não pensar duas vezes em defender sua filha, seguindo o “amor materno”, aquele caracterizado pela sociedade como um sentimento de cuidado, doação e proteção. A protagonista se sente responsável pelo bem-estar de sua menina e acredita que já estava escrito que teria a missão de resgatá-la daquele que a fazia mal. “Às vezes, penso que tudo estava desenhado para fazer parte de meu caminho. Foi preciso que o ordinário chegasse a minha casa, com três filhas, para que elas fossem salvas da crueldade do pai”. (EVARISTO, 2016, pág. 31)

Podemos dizer que em Shirley Paixão a autora nos apresenta uma mãe que está moldada aos padrões socialmente estipulados, mesmo que Shirley quebre a regra em relação a ser mãe por adoção de Seni, ela mostra um amor que é caracterizado e definido pela sociedade como o amor materno, aquele amor que espera que a mãe se sacrifique pelo bem-estar do seu filho. “Abracei minha menina

de doze anos. A que eu não tinha parido, mas que eu tinha certeza ser ela também minha filha. Por ela e pelas outras eu morreria ou mataria se preciso fosse”. (EVARISTO, 2016, pág. 30 - 31)

Com essa citação e na verdade em todo o conto, podemos confirmar o que Elisabeth Badinter fala em seu livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, com relação ao amor materno entre Seni e Shirley, amor esse que não vem do ventre, um amor que foi conquistado, construído com a convivência, desconstruindo, assim, a visão patriarcal de que ser mãe é um fator puramente biológico.

(...) levanto por minha vez a hipótese discutível de que o amor materno não é inato. É exato: acredito que ele é adquirido ao longo dos dias passados ao lado do filho, e por ocasião dos cuidados que lhes dispensamos. (..) (BADINTER, 1980, pág.13 - 14).

Contando sua história Shirley Paixão nos apresenta uma mãe que quebra os padrões patriarcais ao se revelar uma mãe solteira e adotiva que independente da sua condição, ama e cuida das suas filhas dentro dos padrões que a sociedade impõe no que se refere à doação por completo da mãe para com sua cria, condição essa que ela acredita ser de verdade o papel de uma verdadeira mãe e sente-se feliz em ser assim.

Quebra também a definição e os sinônimos que até hoje são atribuídos a figura da madrasta que sempre é caracterizada como a má, cruel, maldosa, descarinhosa, insensível e seca.

1.2 - Isaltina Campo Belo: a maternidade que liberta

Em um íntimo debate com a autora, Isaltina Campo Belo, muito entusiasmada, diz o quanto está feliz com a oportunidade de ter sua história contada, com muito orgulho, durante a conversa, exibe a foto de sua filha Walquiria, fruto de uma violência sexual.

Entretanto, Isaltina tinha uma filha de 35 anos. Walquiria, a sua menina, que me foi apresentada por meio de uma foto, orgulhosamente exibida pela mãe. Durante toda a narração da história, a foto de Walquiria não nos abandonou, ora nas mãos de Isaltina, ora nas minhas. (EVARISTO, 2016, pág. 56).

Negra e com cabelo *black power*, Campo Belo, assim como gostava de ser chamada, era uma mulher que desde menina sofria conflitos internos em relação a sua identidade. A caçula dos filhos e a segunda menina, não aceitava e nem conseguia entender porque todos a chamavam de menina. “Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados.” (EVARISTO, 2016, pág. 57).

Aos seis anos, ao desenvolver uma crise de apendicite, Campo Belo tem a esperança de que o médico esclareça para todos que ela é um menino e claro que isso não aconteceu. Mais uma vez ela tem seu desejo frustrado e culpa a sua mãe por tanta decepção.

Odiei minha mãe naquele momento, achei que ela não podia agir comigo daquela forma. Até eu completar dez anos, mais ou menos, cresci alternando um sentimento de ódio e de amor por minha mãe. A todos eu perdoava o desconhecimento que tinham a meu respeito, menos minha mãe. Impossível acreditar que ela não soubesse quem eu era. E minha mãe sempre cumprindo o papel de minha algoz. (EVARISTO, 2016, pág. 59).

Desde criança, quando começamos a entender o sentido das coisas, aprendemos que nossa mãe é a nossa luz, é nosso porto seguro, é nela que depositamos nossos medos, nossos desejos, além de acreditarmos que um beijo seu é capaz de curar qualquer machucado. Ao perceber que sua mãe é incapaz de prever as confusões que a cerca, a protagonista a julga mal, o que na verdade é justificado devido a esses estereótipos que nos é apresentado como modelo de mãe perfeita. Ao desconhecer as implicações de Campo Belo, sua mãe rompe com os padrões patriarcais, pois ao ser desprovido da intuição materna, caracterizada como o ato de pressentir algo antes de acontecer, perde o *status* de mãe “perfeita” por não saber e sentir o que está acontecendo com sua filha.

Ao mesmo tempo em que culpa sua mãe por sua atual condição, Campo Belo ausenta seu pai de qualquer responsabilidade que seja referente a esse sentido. Com a citação abaixo fica claro a posição do pai em relação à mãe, repetindo mais uma vez o julgamento baseado nos padrões patriarcais, onde o pai é colocado como objeto exclusivamente responsável pelo sustento da família.

De meu pai, não sei o porquê, nunca pensei que ele pudesse me ajudar nas inconfessáveis urgências de minha infância. Era um homem boníssimo, mas a quem, nós, crianças, não tínhamos a coragem de interromper em seus infintos trabalhos. (EVARISTO, 2016, pág. 59 - 60).

A protagonista, com o passar dos tempos e acontecimentos, começa a aceitar que é uma menina e gosta de se contemplar.

Eu via e sentia o meu corpo parecer com o de minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão. Eu via o meu corpo menina e muitas vezes, gostava de me contemplar. O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. (EVARISTO, 2016, pág. 61 - 62)

Reprimida em seus desejos, aos vinte e quatro anos, Campo Belo resolve mudar de cidade a fim de se encontrar. Lá seus dias se tornam mais tranquilos até iniciar namoro com um colega de faculdade. “Iniciamos um namoro sem jeito, só de palavras e comedidos gestos. Ele de uma elegância e de um cuidado tal, que ganhou a minha confiança”. (EVARISTO, 2016, pág. 63).

Campo Belo por perceber que não sentia desejos pelo rapaz e por confiar nele resolve confidenciar-lhe sua vida, falando sobre o menino que carregava dentro de si.

Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. (...) E afirmava, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... Eu não sabia o que responder para ele. Em mim, eu achava a resposta, mas só para mim. (EVARISTO, 2016, pág. 63 - 64)

Mais uma vez Isaltina Campo Belo recolhe seus desejos. Ao mesmo tempo em que deseja ser aceita por sua orientação sexual, a mesma se priva, sente vergonha ou medo por essa escolha.

Isaltina Campo Belo continua sua história dizendo que seu namorado não demonstrou desapontamento com sua recusa e continuou a cercando com palavras doces, mas que para ela se tornaram amigos até o dia em que é convidada para a festa de seu aniversário, onde, segundo ele, estariam outros colegas de trabalho.

Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi

oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher. Tenho vergonha e nojo do momento. Nunca contei para ninguém o acontecido. Só agora, depois de trinta e cinco anos, neste exato momento, me esforço por falar em voz alta o que me aconteceu. (EVARISTO, 2016, pág. 64)

Campo Belo foi vítima de uma cultura que *Porto e Amaral*, em seu artigo *Violência sexual contra a mulher: histórico e conduta*, nos definem como Leis Machistas, leis essas que fazem das pessoas do sexo feminino objetos que podem ser descartados quando necessário, ou que devem ser rigorosamente punidas caso desagradem de alguma forma o marido ou algum homem.

(...) fui tomada por um sentimento de vergonha e impotência. Sentia-me como o símbolo da insignificância. Eu, até então, encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. (EVARISTO, 2016, pág.66).

Isaltina Campo Belo representa as milhares de mulheres que sofreram algum tipo de repressão; e, por sentimentos de humilhação, vergonha e até mesmo por se sentirem, culpadas; ficam caladas.

Depois, apareceu a gravidez, uma possibilidade, na qual eu nunca pensara, nem como desejo, e jamais como um risco. Tal era o estado de alheamento em que eu me encontrava, que só fui me perceber grávida sete meses depois, quase com a criança nascendo. (EVARISTO, 2016, pág. 65)

Campo Belo deixa claro que não sentia desejo algum de ser mãe. Se não fosse o fato acontecido, ela, dentro da cultura patriarcal, (a que defende o amor materno como algo “imutável quanto ao fundo”) seria considerada “anormal”. Conforme Elizabeth Badinter no livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, nessa cultura acredita-se que a maternidade e conseqüentemente o amor materno fazem parte da natureza feminina, assim uma mulher é feita para ser mãe, e ainda, uma boa mãe e, as que pensam e agem diferente são consideradas exceções patológicas e desafios lançados à natureza.

Podemos dizer que a situação vivida por Isaltina Campo Belo é a única forma em que essa cultura abre um parêntese e “dá” o direito de escolha à mulher, de maternar ou não. Asseguradas pelas leis do país, as mulheres que sofrem abuso sexual e engravidam têm o direito de aceitar ou não a gravidez, porém esse direito tem um prazo de validade que dura até a vigésima semana de gestação.

Sozinha, Campo Belo sofre calada, não volta mais a trabalhar. Seu sofrimento é tão grande que nem percebe que em seu ventre se desenvolve uma outra vida, o fruto e a prova do seu descontentamento.

Nem a falta do sangramento mensal, nem a modificação do meu corpo e muito menos a movimentação do bebê... Walquiria se fez sozinha em mim. Pai sempre foi um nome impronunciável para ela. Dentre cinco homens, de quem seria a paternidade construída sob o signo da violência? (EVARISTO, 2016, pág. 65)

Isaltina Campo Belo dá a luz a Walquiria e tenta seguir a vida voltando para sua cidade natal, onde é recebida com alguns questionamentos, mas nada fala. Passa um tempo por lá e depois resolve partir novamente. “E assim fiz, levando comigo a minha menina. Eu vivia por ela. Tudo em mim adormecido, menos o amor por minha filha”. (EVARISTO, 2016, pág. 65 - 66).

A protagonista nesse momento se torna um dos personagens principais na cultura patriarcal, pois apresenta um amor de mãe incondicional o que na verdade não se esperaria, diante das condições que a criança foi concebida, haveria na sociedade essa abertura para que escolhesse o que fazer, e Isaltina, mesmo tomada por tanta dor agiu de acordo com o que acreditava ser de fato uma mãe, amando e dedicando-se unicamente à sua filha vai vivendo a vida. Ela se torna mãe e ao mesmo tempo acredita que Walquiria veio para que ela pudesse se descobrir, se aceitar.

Entretanto, bons ventos também sopram. E quem trouxe o vento da bonança foi ela, minha filha”. Como? Digo eu, como. Na primeira reunião do jardim de infância, em que matriculei Walquiria, naquele momento, aprendi não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça em minha direção. E foi então que o menino que habitava em mim reapareceu crescido. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. (EVARISTO, 2016, pág. 66)

Ao narrar à história de Isaltina Campo Belo, a autora rompe definitivamente com as visões vistas e escritas por alguns autores no que se refere ao papel da mãe na literatura, pois conforme Cristina Stevens, a maioria dos romances se inicia a partir de uma “poética da perda”, onde a morte da mãe é condição necessária ao desenvolvimento da subjetividade da personagem central.

Aqui a função da filha é invertida com a que “deveria” ser a da mãe. Ao invés de Isaltina ser responsável pelo processo de subjetividade da filha, o que na verdade seria o “esperado” pelos padrões sociais, a filha é a responsável pela aceitação e construção da identidade da sua mãe.

E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam. E todos os dias passaram a ser nossos. Como um chamamento à vida, Miríades me surgiu. Tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquiria e eu. (EVARISTO, 2016, pág. 67)

Ao encontrar Miríades, graças à filha, Campo Belo se sente completa novamente e percebe que agora sim, encontrará a verdadeira felicidade.

O casamento entre Isaltina e Miríades é mais um motivo para o rompimento do falocentrismo imposto à mulher, de que o relacionamento com o sexo oposto é o único projetor de felicidade.

CAPÍTULO 02

A MATERNIDADE E SUAS PLURALIDADES

Neste capítulo será feita a análise literária dos contos *Lia Gabriel* e *Saura Benevides*, que, através de suas vivências apresentam-nos diferentes visões para o tão conceituado “amor materno”. Caracterizado pelo patriarcado como o alicerce da maternidade, esse amor, é definido como um sentimento eterno, incondicional e essencial para a sobrevivência da criança. Neste capítulo essa definição será quebrada por Saura Benevides que viola as regras do determinismo cultural.

2.1 - *Lia Gabriel* e as marcas do machismo

Lia Gabriel começa sua conversa com a autora dizendo que se sente muito sozinha e que há muito gostaria de falar com alguém sobre esse episódio da sua vida.

A protagonista inicia sua história relatando sobre a dor que sente ao saber que seu filho está doente.

Tamanha foi a dor, quando o pediatra me disse, antes de qualquer exame mais detalhado, que o mais novo dos meus três filhos, com quatro anos apenas, poderia não estar fazendo só birras, mas caminhando para um estado de surto. Sem qualquer rodeio, fui informada pelo médico de que Máximo Gabriel provavelmente era esquizofrênico. (EVARISTO, 2016, pág. 95 - 96)

Lia Gabriel fica em choque e sente medo ao imaginar que poderá viver longe de seu filho devido à gravidade da doença.

E se a fala do médico fosse verdade, como eu cuidaria de meu filho? Com certeza, ele seria tirado de mim. Já tinha ouvido falar de pessoas com doenças mentais. (...) E se ele resolvesse me agredir um dia? E se ele atacasse as irmãs? Um menino louco se transforma em um adulto louco? Um menino é uma força dominável, um adulto não... A partir desse dia, começou a minha peregrinação com Máximo Gabriel. (EVARISTO, 2016, pág. 96 - 97).

Diante das crises sofridas pelo filho, *Lia* aflige-se ao perceber que infelizmente é incapaz de curá-lo e mesmo que ele não as atacasse, ela e as meninas, atormentavam-se por não poderem ajudá-lo.

Ora Gabriel era de uma doçura de criança feliz, ora de uma agressividade; porém, sempre contra ele mesmo. Jogava-se no chão, às vezes repentinamente, por nada ou por algum desejo contrariado. Nesses momentos de raiva incontida, batia com a cabeça na parede, arrancava os próprios cabelos, puxava os lábios, o nariz, as orelhas, mordida a si próprio, se autoflagelando. Nem eu, nem as irmãs conseguíamos apaziguá-lo. Na impotência por não conseguir abrandar os sofrimentos do irmãozinho, elas choravam também infelizes. Elas e eu. Insubmissas lágrimas. (EVARISTO, 2016, pág. 97)

O sentimento de impotência e infelicidade está presente na vida de Lia Gabriel, mas não é o suficiente para fazê-la desistir. Sozinha com os filhos, pois o marido havia ido embora quando o filho caçula tinha quase dois anos, a protagonista, exercendo a função que pelos padrões sociais seria a do pai, não se rende e luta pela sua sobrevivência e a de seus filhos.

Saíra de casa, depois de uma briga, em que, para me proteger, peguei as crianças e fui para a casa de minha mãe, cuidar de nossas feridas do corpo e da alma. Quando retornei com as crianças, todos os compartimentos estavam vazios. Nem uma cama ele deixou. Naquela noite, aconcheguei as crianças no meu colo, até que elas adormecessem. As meninas dormiram um conturbado sono. Gabriel teve febre e gemeu durante toda a noite. A todo momento, seus braços, com as mãozinhas em punho, tinham movimentos como se estivessem esbofeteando o espaço. (EVARISTO, 2016, pág. 97- 98)

Nessa citação podemos observar a situação de humilhação que o marido de Lia a causara e que mesmo diante das necessidades, dá um jeito de acolher seus filhos tentando deixá-los confortáveis. Nesse momento diante do abandono do marido e sem nenhuma estrutura material, com a frieza da noite, a situação vivida pela protagonista e seus filhos, começa a afetar o psicológico das crianças principalmente Gabriel, o caçula que tivera febre durante toda a noite e em seus pesadelos tentava se defender de alguém. Assim podemos confirmar o que alguns médicos, como Vivian Peres Day e Paulo Blank no relatório intitulado *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*, falam sobre a violência conjugal como um risco na vida das crianças. As várias discussões e violências dentro do lar e principalmente contra a mãe, são capazes de afetar diretamente o psicológico da criança, que por se sentir impotente, cala-se por medo de uma futura agressão, e isso é um pressuposto para se começar a apresentar consequências como ansiedade, depressão, baixo rendimento escolar, baixa autoestima, pesadelos,

conduta agressiva e maior probabilidade de sofrerem abusos físicos, emocionais ou sexuais. No caso de Gabriel, a esquizofrenia, que tem como principal característica a perda do contato com a realidade

Ao lermos o conto observamos que Lia Gabriel tenta ao máximo mostrar que lutou com garra para criar seus filhos e lidar com a doença de Gabriel. Ela dificilmente cita o marido, talvez seu desejo fosse apagá-lo do seu passado e nem imaginava que ele era o responsável pelo que acontecera com seu filho.

Do pai, nenhum comentário. Era como se o pai nunca houvesse existido. Não só para as crianças, a figura paterna tinha caído na deslembração também para mim. (EVARISTO, 2016, pág.100); A fala da médica me trouxe um misto de sentimentos. Culpa, vergonha, remorsos por ter escolhido tal homem para ser pai de meus filhos. (EVARISTO, 2016, pág. 101)

Notamos que a protagonista se sente culpada pela situação vivida com os filhos por causa do marido. E com certeza esse foi um dos sentimentos que contribuiu para que ela se dedicasse na missão de cuidar dos seus filhos. A história do que realmente aconteceu naquela noite só é mencionada pela protagonista quase no final do conto.

Era uma tarde de domingo, eu estava com as crianças assentadas no chão da sala, fazendo uns joguinhos de armar, quando ele entrou pisando grosso e perguntando pelo almoço. Assentada eu continuei e respondi que o prato dele estava no micro-ondas, era só ele ligar. Passado uns instantes, ele, o cão raivoso, retornou à sala, avançou sobre mim, arrastando-me para a área de trabalho. Lá abriu a torneira do tanque e, tampando a minha boca, enfiou minha cabeça debaixo d'água, enquanto me dava fortes joelhadas por trás. Não era a primeira vez que ele me agredia. As crianças choravam aturdidas. (EVARISTO, 2016, pág. 101)

Aqui retornamos ao que vimos no conto *Isaltina Campo Belo*. A mulher sofre agressão do homem que ligado a uma cultura totalmente machista define-a como um objeto pessoal. Pensamento este que surge com o patriarcado, um sistema social que torna o homem superior em relação à mulher, dessa forma a mesma lhe deve submissão.

O que acontece com Lia nesse trecho também nos remete a pensamentos que ainda hoje encontramos em mulheres que sofrem violência doméstica. A maioria acredita que o parceiro um dia vai mudar e até mesmo que são culpadas pelo que aconteceu.

Em seguida, ele me jogou no quartinho de empregada e, com o cinto na mão, ordenou que eu tirasse a roupa, me chicoteando várias vezes. Eu não emití um só grito, não podia assustar mais as crianças, que já estavam apavoradas. O que mais me doía era o choro desamparado delas. (EVARISTO, 2016, pág.102)

Nesse momento nos deparamos com uma mulher que diante do sofrimento se anula, em meio à dor, fica calada pelo “bem-estar” dos filhos.

Depois, ele voltou à sala e me trouxe o meu menino, já nu, arremessando a criança contra mim. Aparei meu filho em meus braços, que já sangravam. Começou, então, nova sessão de torturas. Ele me chicoteando e eu com Gabriel no colo. E, quando uma das chicotadas pegou o corpo do menino, eu só tive tempo de me envergar sobre o meu filho e oferecer as minhas costas e as minhas nádegas nuas ao homem que me torturava. Meu menino chorava-chorava. Foi tanto o sofrimento, que não sei calcular quanto tempo durou, se segundos ou horas. (EVARISTO, 2016, pág. 102)

Podemos dizer que Lia Gabriel se classifica como modelo de mãe perfeita. A mãe que se sacrifica pelo filho. Ela abre mão de suas dores em função de diminuir o sofrimento do filho. Nesse momento também se observa o tão conceituado “instinto materno”, em que, com o propósito de proteger seu filho, a mãe oferece seu corpo como escudo. Em nenhum momento ela revela o desejo de defesa contra o seu algoz, nem mesmo a violência exercida para com o filho foi capaz de aguçá-la.

Em um instante qualquer, quase desmaiada, senti a chegada das gêmeas. Na semiescuridão do quarto, apalpei as minhas meninas e percebi que elas estavam vestidas intactas. Na casa, só silêncio. Criei coragem, limpei o sangue que ainda me escorria dos braços, sentindo a ardência dos lanhos das costas e por todo o corpo, juntei rapidamente umas poucas roupas minhas e das crianças e busquei a casa de minha mãe. (EVARISTO, 2016, pág. 102 - 103)

Mais uma vez, ao tentar se proteger juntamente com seus filhos, Lia Gabriel abre mão do “aconchego” do seu lar e vai em direção a sua mãe, a “única” que poderia “curar” suas dores.

Fui recebida por ela com carinho e com conselhos. Eu poderia ficar por uns dias, mas o mais certo seria eu voltar e conversar com o meu marido, para chegarmos a um entendimento; era preciso pensar nas crianças. Sim, eu ia fazer isso. Ia conversar com ele. Não foi preciso, porém; covardemente ele não esperou o meu retorno. (EVARISTO, 2016, pág. 103)

Aqui fica claro que Lia Gabriel mesmo depois de sofrer tamanha violência estaria disposta a continuar vivendo com o seu agressor para o bem da sua família. A personagem-título nessa passagem ocupa a função de indivíduo unicamente responsável em manter a estrutura familiar.

A fala da personagem, nesse momento, concorda com o que é defendido no artigo *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*, a aceitação da mulher em continuar numa relação abusiva se dá por fatores principais como, medo de represálias, perda do suporte financeiro, preocupação com os filhos, dependência emocional e financeira e perda do suporte da família e dos amigos.

Assim, observamos claramente, na situação de Lia, dois desses fatores, primeiro a preocupação com os filhos que pequenos precisavam de cuidados e depois a perda do suporte familiar, no caso, da sua mãe, que com visão patriarcal a aconselha a retornar para casa.

Quando retornei com as crianças, todos os compartimentos estavam vazios. Por vingança havia levado tudo, inclusive as nossas roupas. Forrei o chão com as poucas que nos restaram, as que eu tinha levado, e passamos a noite. Uma opressiva lembrança da imagem dele circulava pelos vazios dos cômodos, enquanto uma sensação de nudez me perseguia e eu sabia o porquê. E foi nessa ocasião que tomei sozinha, a diretriz de minha vida. (EVARISTO, 2016, pág. 98)

Ao perceber que seu marido foi embora e vendo a situação que se encontrava, a protagonista vive nesse momento uma epifania. Seu sofrimento a faz perceber que ela podia sim tomar as rédeas da sua vida, que poderia sim cuidar e sustentar a si e aos filhos sozinha. Se na grande maioria das vezes a violência doméstica principalmente a psicológica, como é citado no artigo *Violência doméstica e suas diferentes manifestações*, provoca a destruição da autoestima da mulher, colocando-a numa área de risco que gera o desenvolvimento de problemas mentais a exemplos da depressão, fobia e tendência ao suicídio, com Lia Gabriel foi diferente.

Deixei a escola em que trabalhava pelas manhãs, como professora de matemática, e passei a dar aulas particulares em casa. De dia, tinha uma boa clientela, crianças e jovens. De noite, adultos que estavam se preparando para algum concurso. Trabalhar em casa foi a solução encontrada, e eu não tinha como pagar uma auxiliar para me ajudar a cuidar das crianças. Entretanto, o mais difícil foi na época em que recebi o diagnóstico de Gabriel e quando as crises dele se tornaram mais freqüentes. (EVARISTO, 2016, pág. 98 - 99).

Quebrando os padrões patriarcais de que a mulher/mãe para poder cuidar dos filhos precisa dedicar todo o seu tempo exclusivamente para isso e fazendo-nos questionar a visão feminista mais antiga, como por exemplo, a de Simone de Beauvoir que definia a maternidade como uma “armadilha da natureza”, Lia Gabriel mostra que a maternidade para ela serviu de motivação para sua libertação. Mesmo com muitas dificuldades ela não desanima e com garra vai seguindo sua vida.

Nas horas vagas, isto é, na solidão da madrugada, comecei a fazer pequenos consertos em aparelhos domésticos e, hoje, sou a única mulher que tem uma oficina eletrônica na cidade. Desde menina, eu tinha certo pendor para montagens de rádio, televisão, etc. Transformei essa habilidade em profissão. Durante muito tempo, enquanto as crianças eram pequenas, sobrevivemos das aulas que eu dava em casa, e do dinheiro da loja “Tudo tem conserto”. E tem. Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujando. Eu mesma imprimi novos movimentos aos meus dias. Fiz por mim e pelas crianças. (EVARISTO, 2016, pág. 99).

Quando afirma “fiz por mim e pelas crianças”, a protagonista mostra que toda essa mudança, não foi somente um sacrifício pelos filhos, e sim algo que ela precisava fazer por ela mesma e conseqüentemente contemplaria seus filhos. Mesmo assim, nesse conto a visão da mãe estaria diretamente ligada ao que a autora canadense, Susan Swan define como um “modelo aprisionador de feminilidade”, o qual a mãe feliz, sempre está preocupada em cuidar das necessidades dos outros integrantes da família, pois ao se desvincilhar desse padrão, passa a sofrer julgamentos sendo caracterizada como egoísta. (SWAN, 1991, pág. 212) Nesse caso, já que Lia Gabriel vive unicamente com os filhos e para os filhos, vive esse aprisionamento que estaria relacionado ao sentimento de culpa internalizado pela protagonista em relação à situação do filho.

Lia Gabriel em nenhum momento se mostra cansada de lutar por dias melhores, juntamente com suas gêmeas dividia os afazeres da casa, os cuidados com Gabriel, as alegrias por sua serenidade que seguiam por meses, tristezas e receios quando percebiam que a crise estava se aproximando. Em um momento de crise já com quinze anos, o médico aconselha o internamento de Gabriel, pois já não seria tão fácil, para ela e as filhas conterem suas forças.

Eu já tinha a certeza absoluta de que o meu filho nunca investiria contra nós. O meu temor era que ele se machucasse mortalmente, tal era a fúria dele contra ele mesmo. E, na única internação que

Gabriel sofreu, a sorte nos conduziu a uma nova profissional, a doutora Celeste Rosas. Ela insistiu na necessidade de afastar Gabriel de mim, não só durante uns dias, mas alguns meses. Ele precisava ficar longe de mim e das irmãs para explicitar uma raiva contida que havia dentro dele. E, de observações a observações, de perguntas a perguntas, surgiu, então, o nome do pai. O maldito nome do pai, o nome da má hora trouxe, então, a lembrança da tormenta que ele um dia infligiu a mim e as crianças, quando Madá e Lená tinham três anos e Máximo Gabriel ia completar dois anos. (EVARISTO, 2016, pág. 100 - 101).

Nesse momento a protagonista se dá conta do que a violência vivida em seu próprio lar foi capaz de fazer. Talvez não tenha se dado conta antes pelo simples fato de “acreditar” ser “normal” esse tipo de violência no ambiente familiar e a aceitação do poder do homem em relação à mulher. Acreditamos que ao afirmar “O maldito nome do pai, o nome da má hora...”, a protagonista exprime todo o rancor e ódio que sente por saber quanto mal aquele homem causara a sua família e arrependimentos por não ter agido diferente naquela noite e nas outras vezes que fora agredida.

A fala da médica me trouxe um misto de sentimentos. Também esperanças de que Máximo Gabriel possa vencer a imagem do monstro, que se desenhou na mente dele, quando ele tinha apenas dois anos. (EVARISTO, 2016, pág. 103).

Na personagem-título renasce a esperança de que a partir de agora, ao descobrir a causa de suas crises, seu filho possa se recuperar e que seguindo a vida, possa apagar de vez esse “monstro” que um dia fora seu pai e que assim o sentimento de culpa, vergonha e impotência saia do seu coração.

A história de Lia Gabriel nos mostra uma forma diferente de ver a maternidade. Primeiramente a maternidade não é vista como uma consequência para a conquista do seu lugar na sociedade e sim como uma motivação para sair de uma determinada condição social. Lia Gabriel era totalmente submissa ao seu marido, confirmamos isso ao perceber que em nenhum momento a mesma se volta contra ele e que se ele não tivesse ido embora, ela teria voltado e continuado a sofrer agressões. Não era a maternidade que a mantinha ao lado dele na verdade. Era a submissão.

É o que Cristina Stevens aborda em seu artigo *O corpo da mãe na literatura: uma ausência presente*, afirmando que na nossa cultura ocidental há um

policiamento das fronteiras entre natureza e cultura, e que ao fazer isso, contribui-se para uma estreita relação na dominação e exploração da mulher. E isso acontece com Lia, mediante as definições patriarcais aprendidas e ensinadas por sua mãe, que ao decidir ser responsável por suas atitudes e não voltar ao colo da mãe quebra o que na verdade deveria ser um processo linear.

2.2- Saura Benevides Amarantino: a mãe transgressora

Se nos contos anteriores a imagem do homem é vista como opressor das personagens, nesse conto é diferente, aqui a infidelidade da protagonista para com a memória do seu marido morto a faz rejeitar sua filha caçula.

A personagem título começa sua história afirmando para a autora que seus ouvidos serão usados como confessional, mas que ao contar sua história não exige nenhum segredo.

Pode escrever e me apontar na rua, como personagem de uma história antes minha e, agora, também sua. Pouco me importa se me reconhecerem. Todos gritam ou sussurram algo a meu respeito. Sobre o que falam de mim, nunca afirmei que sim, mas nunca neguei também. Dizem que do amor de mãe, nada sei. Engano de todos. Do amor de mãe, sei. Sei não só da acolhida de filhos, de que uma mãe é capaz, mas também do desprezo que ela pode oferecer. (EVARISTO, 2016, pág. 117).

Saura Benevides dá-se o direito da escolha em maternar ou não a filha caçula e isso não condiz com o que a cultura patriarcal determina para a mulher e ao burlar essa cultura a protagonista passa a ser taxada socialmente como um ser incompleto.

Confesso. Dos três filhos que tive, duas meninas e um menino, meu coração abrigou somente dois. A menina mais velha e depois o menino; a filha caçula sobrou dentro de mim. Nunca consegui gostar dela. A aversão que eu sentia por essa menina, em medida igual, era o acolhimento que fui capaz de oferecer e ofereço aos outros. Sou mãe de Idália e Maurino. Os dois me bastam. (EVARISTO, 2016, pág. 117).

A protagonista fala com clareza sobre o repúdio por sua filha caçula, e acredita que toda a dedicação que deu aos seus dois filhos a torna sim uma boa mãe. Saura Benevides é exemplo do que Badinter afirma em *O Mito do amor*

materno, de que o amor materno não é algo inato, não é uma conduta universal e sim algo incerto, frágil e imperfeito que pode ser desenvolvido ou não, aparecer e desaparecer, escolher um filho ou ser de todos. (Badinter, 1980, pág. 1)

A personagem-título continua sua história dizendo que engravida da sua primeira filha aos dezesseis anos, fruto do encantamento pelo primeiro namorado. Seus pais ao descobrirem a gravidez, exigiram que eles se casassem. Ela obedeceria, não fosse a cumplicidade que existia entre eles, ambos decidiram que ele deveria fugir.

E assim aconteceu durante uma madrugada. A minha barriga não completava os quatro meses. Mas era tanto carinho que eu já sentia pela criança guardada em mim e escondida para várias pessoas da família, que liberei o pai menino para uma fuga, de que só nós dois sabíamos. Quando tudo aconteceu, as nossas famílias logo perceberam que eu também não queria me casar. A minha calma diante do fato, que revoltava a todos, me traiu. (EVARISTO, 2016, pág. 118).

Mais uma vez Saura quebra os padrões sociais impostos por uma cultura em que para colocar um filho no mundo a mulher deve ser casada. Mesmo estando grávida ela isenta o pai de qualquer responsabilidade para com ela e o bebê. O carinho que ela sentia pelo filho, ainda no ventre, já era o suficiente.

Decisão essa que indo contra os costumes sociais de sua época a faz entrar em conflito com seu pai que tenta expulsá-la de casa, mas desiste depois que a mãe a defende. Saura Benevides era uma mulher convicta e nem a ameaça de que após o nascimento e crescimento do bebê deveria partir a fez mudar de opinião.

Eu tinha certeza de que ele me deixaria continuar em casa até o momento que eu quisesse e assim aconteceu. Idália cresceu cercada por meu amor e sempre aconchegada aos avós. Não só a minha primeira filha encontrou abrigo no coração dos velhos; Maurino, o que veio alguns anos depois, igualmente. (EVARISTO, 2016, pág. 118 - 119)

Podemos dizer que Saura Benevides era uma mulher à frente do seu tempo, não dando importância ao que seus familiares iriam pensar, tendo o apoio dos seus pais, não hesita em ser responsável pela criação da sua filha com todo amor e dedicação. Sua vivência inicial coaduna com o que Simone de Beauvoir afirma em *O Segundo Sexo*, ao retratar sobre a condição da mulher em relação ao homem, explicando que antigamente pelos padrões patriarcais era proibido a mulher

maternar sozinha e que isso acontecendo, seria motivo de escândalo. (BEAUVOIR, 1970, pág. 93) Não fosse isso, Benevides não seria julgada, pois ao casar teria alta dignidade social e seria exemplo de mãe “perfeita”.

Na segunda gravidez eu já estava casada com um sujeito pobre, mas decente, como diziam meus pais. Esse meu companheiro assumiu a paternidade de Idália e, quando fomos registrar o pequeno Maurino, Idália já tinha no registro o nome do pai. A escrita de Idália, ao grafar o nome da família Amarantino parecia dançar feliz sobre as folhas de seus primeiros cadernos. Eu também dançava feliz no jogo conjugal de Amarantino sobre mim. A vida nos permitiu sermos felizes por onze anos. Um dia, repentinamente, ele adoeceu e se foi. O vazio deixado pela morte de Amarantino pesa ainda sobre nós. Da ausência dele, padeci e padeço até hoje, embora ninguém acredite. (EVARISTO, 2016, pág. 119)

Nesse momento da história podemos dizer que Saura Benevides resgata o seu valor social, casada e dedicando sua vida ao marido e filhos, ela retorna ao seu lugar de origem, ocupando um espaço na sociedade. Aqui o que faz a mulher ocupar espaço social é o casamento; é a figura masculina como projetor de estabilidade e felicidade. Saura gosta do que vive, esse é um lugar onde quer e sente-se bem em estar. Mas ao que parece seu destino não era a “normalidade” das coisas, com a morte do tão amado esposo, Benevides viera a “transgredir” novamente.

Após a morte do esposo Saura se envolve com um colega de juventude, que era taxado como mulherengo e que ela jamais pensaria em ter um filho dele. Esse rápido envolvimento traz para si uma sequência de acusações, principalmente pelo pai que acreditava que sua filha deveria ter pudor por ser uma viúva. Mais uma vez a mulher só existe em função do masculino.

Enquanto seu pai a acusava, a mãe a defendia. A mãe de Saura sempre a protegendo. Entrando em conflito com o marido para proteger a filha transgressora, ela ocupava o papel de mãe exemplar, aquela que abre mão de si pelo bem dos filhos. Saura mais uma vez vê em sua mãe uma cúmplice. Grávida novamente, afirma que mesmo tendo o apoio da sua mãe e do seu namorado, pai da criança, era uma gravidez que acontecera por um descuido.

Mesmo sendo uma gravidez concebida nas brincadeiras doces e fogosas minha e de meu namoradinho, Idália veio como uma dádiva não pedida, mas que de bom grado se aceita. A segunda gravidez, a de Maurino, foi a do filho desejado por mim e por Amarantino. A

terceira, a última, foi uma gravidez que se intrometeu na lembrança mais significativa que eu queria guardar. A imagem da última dança do corpo de Amarantino sobre mim, pouco antes dele adoecer. (EVARISTO, 2016, pág. 120 - 121)

A protagonista aponta sua terceira gestação como prova viva da sua traição para com a memória do seu falecido esposo, o qual ela devia fidelidade por ter vivido tão feliz.

E desde então, odiei a criança que eu guardava em mim. Nos meus sofrimentos, dei razão aos julgamentos de meu pai sobre mim, me faltava pudor. E quando a menina nasceu, mais um desgosto me esperava. Ela não saía com uma só marca de nossa família. Ela era toda o pai, toda. Que fosse para ele, então. A minha decisão de entregar o bebê para o pai desgostou profundamente a minha mãe. (2016, pág. 121).

Benevides vê na sua filha um estorvo, um fardo que ela não queria carregar, um risco que ela queria apagar da sua vida. Como mãe dedicada e que se sacrificaria pelos filhos, a mãe de Saura não poderia aceitar tal decisão e a acusava por não dar a sua filha o mesmo amor que ela recebera desde pequena. Compromete-se a cuidar e amar a criança juntamente com seu esposo, mas Saura não aceita.

O que minha mãe não entendia era que eu queria aquela criança longe de mim. Eu não sentia nada por ela; aliás, sentia sim, raiva muita raiva. Queria esquecer a filha que eu não havia concebido, nem antes e muito menos nos momentos após o parto, quando contemplei a criança e me irritei com todos os traços dela, que acintosamente negavam os meus. A permanência dela em nossa casa foi somente durante três meses. No ato de amamentá-la, eu sempre desejava que o meu leite fosse um mortal veneno. (EVARISTO, 2016, pág. 122).

O descontentamento de Saura Benevides é uma prova de que, conforme Badinter (1985), o inconsciente da mulher predomina sobre os seus processos hormonais. Há uma grande diferença entre o biológico e o que está internalizado. Saura não desenvolvera amor pela sua filha nem após amamentá-la por três meses. Aqui o amor materno nem com a convivência foi capaz de existir, pois não havia desejo algum por parte da mãe.

Minha mãe parecia adivinhar os meus desejos e observava os descuidos voluntários que eu tinha para com o bebê. Depois que ela cresceu, passados uns dez anos, ela veio à cidade com o pai, a passeio. E mandaram me perguntar se eu queria ver a menina. Eu não quis e nem sei se alguém daqui de casa foi. Já me perguntaram

se eu não tenho remorsos em relação a essa criança que desprezei. Não. Não tenho. E não consigo inventar um sentimento em mim, só para me salvar de julgamentos alheios. (EVARISTO, 2016, pág. 123).

Nesse momento se esquece que Saura é mãe e ama dois de seus filhos. O desprezo dado a sua filha caçula foi o suficiente para que, socialmente, ela fosse condenada e vista como “anormal”, pois a definição de gerar como algo natural e essencial, torna difícil na sociedade a aceitação de uma mãe que despreze e odeie seu filho. A protagonista representa e serve de exemplo para as várias mães que por medo de não serem aceitas na sociedade escondem os seus reais medos, desejos e desgostos em relação à maternidade.

Não sou sem sentimentos, só porque não amei aquela criança. Só eu sei do meu sentir e da comoção que em mim brota, tantas e tantas vezes, em outras ocasiões. Só eu sei de minhas emoções. Minha mãe ainda chora por isso, quase vinte anos depois. Ela vive dizendo que esperava que eu fosse capaz de repetir, com meus filhos, o mesmo amor que ela me deu e me dá. Eu corrijo a fala dela. Eu amo os meus filhos, Idália e Maurino. Esses são os meus filhos e estarão sempre aconchegados dentro de mim, mesmo que eles não queiram. (EVARISTO, 2016, pág. 123 - 124)

Benevides Amarantino foi a mãe que não se curvou para o determinismo social. Ao mesmo tempo em que nos revela uma mãe perfeita dedicada ao bem-estar dos filhos traz à tona um outro modelo de mãe, aquela que não desenvolve afeição pelo filho.

Para Saura Benevides é fato que a mulher gera, mas isso não significa dizer que o amor e a dedicação devam ser exclusivamente responsabilidade dela. O fato de ter deixado essa responsabilidade para o pai a faz sofrer retaliações sociais, o que não aconteceria se fosse ao contrário; o pai poderia fazê-lo sem nenhum problema. Outro fato importante é a causa desse desprezo estar diretamente relacionado ao marido morto. Como forma de manter viva a memória do mesmo, Saura abre mão da sua filha.

Ao trazer a história de Saura Benevides, Conceição Evaristo exemplifica o que Cristina Stevens chama de mudanças literárias no campo maternal, onde, mesmo que sobre o pré-julgamento social, essas mudanças, mostram a verdadeira face por trás do ser mãe.

2.3 - Histórias que se completam: insubmissas lágrimas

Ao nos deparar com histórias como a de Shirley Paixão, Isaltina Campo Belo, Lia Gabriel e Saura Benevides, admitimos grande eficácia no que concerne à apresentação das várias e verdadeiras faces da maternidade. Um fato importante é a ligação existente em cada conto. Mesmo sendo histórias diferentes, elas se interligam e passam uma mensagem em comum; as vozes das mulheres não se permitem mais calar, são elas as personagens centrais da sua história.

Nos contos, a definição de maternidade para as personagens-título, pelo menos na relação mãe e filho, tem caráter patriarcal. Mesmo nos deparando com Saura Benevides que despreza sua filha caçula, a mesma descreve pelos dois primeiros filhos um amor que está enraizado aos costumes sociais, ou seja, o simples fato de não sentir o mesmo amor pela última filha a faz descaracterizar-se como sua mãe.

A visão de mãe como sendo o amar, o cuidar, o proteger e o se doar pelo filho permanece, mas sofre alterações no que concerne ao perfil dos personagens que maternam.

Shirley Paixão, Lia Gabriel, Isaltina Campo Belo e Saura Benevides quebram esse modelo de mãe tradicional pelo perfil de cada uma, adotiva, solteira, lésbica e viúva. Cada uma com sua singularidade, mas com um ponto em comum; a maternidade.

Em Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel temos um fato em comum: ambas têm suas vidas restauradas através da maternidade, não como condição para que ocupem uma posição social e sim como ponto de partida para libertação de uma cultura arcaica que as atrofia. A maternidade é um dos motivos para erguerem a cabeça e seguirem em frente.

Shirley Paixão e Saura Benevides são o inverso. Shirley abre mão do seu marido com o qual tinha um bom relacionamento, agredindo-o e colocando-o na prisão, por amor e proteção à sua filha adotiva, já Saura despreza e odeia sua filha caçula em memória do seu marido morto. O fato de ser mãe biológica não fez com Saura sentisse o desejo de amar e cuidar da sua filha, ao contrário, acreditamos que o fator biológico tenha sido primordialmente responsável por esse desprezo. “Hoje, já não podemos admitir como inevitável que a mulher tenha filhos. Nem mesmo que

os ame, quando os teve. Mas isso, em contrapartida, não é novidade, embora seja sempre visto como um escândalo”. (BADINTER, 1980, pág. 17)

Em todos os contos podemos notar a presença da figura paterna que como algoz das personagens, perde seu valor social. Se na cultura patriarcal o “Homem” é o centro, o responsável pela sobrevivência da esposa e dos filhos, o “dono” de tudo e de todos, aqui sua definição é totalmente diferente. Com exceção do conto Saura Benevides, deparamo-nos com a figura do homem vista claramente como o opressor dos personagens, palavras como “inimigo”, “monstro”, “animal ruim”, “cão raivoso”, “maldito” e “nome da má hora”, expressam sentimentos de desprezo e repugnação para com a figura paterna.

Todas as personagens-título femininas têm seus destinos modificados pela imagem negativa ou positiva do homem e a partir disso exercem sua voz, mostram que podem ocupar lugares de sujeito de suas próprias histórias, como mães, avós, sem que para isso haja a necessidade de se moldar às questões religiosas e padrões sociais.

A união entre Shirley e suas filhas, Isaltina e Walquiria, Lia e seus filhos, a negação de Saura por sua filha caçula, são fatos que tiram a maternidade da lista principal dos responsáveis pelas desgraças e submissões femininas. Mesmo que ainda haja forte influência dos padrões sociais, a maternidade deixa de ser vista como algo “naturalizado”, “perfeito”, “puramente biológico” e passa a ter seu conceito definido a partir das vivências e pluralidades dos seus indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deparando-nos com questionamentos teóricos relacionados à influência da maternidade no processo de subjetividade feminina, abordamos de início os conceitos de Cristina Stevens e alguns teóricos citados no seu artigo *Ressignificando a maternidade: psicanálise e literatura*. No artigo são apresentados alguns questionamentos sobre a maternidade que, moldada aos padrões patriarcais, torna-se um dos motivos de desafeição feminina.

Esses padrões também são responsáveis pelo silêncio e frustrações de muitas mulheres que não sentem o desejo de ser mãe, mas o fazem por entenderem que é um processo “natural”, pelo qual todas as mulheres devem passar, e que se não o fazem não serão vistas com bons olhos perante a sociedade, sendo taxadas como anormais.

Aponta-se a ausência da voz feminina na literatura como uma das causas contribuintes para a alimentação dessa estrutura patriarcal, pois na maioria das vezes a mulher/mãe é representada pela voz masculina e sua única função é ser objeto no processo de subjetividade do outro.

Cristina Stevens nos apresenta um novo modelo de mãe. Ao invés de termos aquela mãe tradicional que tem como características o fator biológico, a cor, o casamento, a responsabilidade pela criação dos filhos e estrutura familiar, agora nos deparamos com mães negras, solteiras, divorciadas, adotivas, lésbicas, gays e pais que “maternam”.

Considerando a importância dessa nova visão, com o objetivo de quebrar os estereótipos patriarcais sobre a maternidade, acreditando na necessidade da voz feminina na literatura como fator principal nessa mudança, encontramos com a autora Conceição Evaristo, que em seu livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, valoriza a escrita das vivências dos personagens.

Ao analisar os contos individualmente pudemos perceber suas características intrínsecas que foram fundamentais para a representação desse novo modelo de mãe na literatura e conseqüentemente na sociedade.

Narrado na primeira pessoa, contendo apenas pouquíssimas interrupções da autora, confirmamos esse novo *corpus literário*; com a escrevivência de cada personagem, quebramos essa ausência literária. A mulher/mãe não só está na literatura como também é protagonista da sua história.

Nas histórias de *Shirley Paixão*, *Isaltina Campo Belo*, *Lia Gabriel* e *Saura Benevides*, encontramos mulheres que, em alguns aspectos e pelo olhar crítico estão moldadas aos padrões sociais de forma naturalizada, porém, mostram do que são capazes para defender seus ideais.

Em Shirley Paixão e Saura Benevides acontece uma inversão de papéis, há uma quebra dos padrões sociais no que concerne à figura da madrasta e da mãe biológica. Ao proteger e amar Seni como se fosse sua filha, Shirley muda a visão socialmente imposta para a madrasta, como uma mulher má que jamais será capaz de amar, cuidar e proteger aquele que não saiu do seu ventre. Já Saura Benevides mostra que a mãe biológica não necessariamente terá a “obrigação” de amar, cuidar e proteger um filho, ela também pode desprezá-lo e odiá-lo.

Em Isaltina Campo Belo e Lia Gabriel temos exemplos de mulheres que sentiram na pele e no corpo as marcas do machismo e do poder dado ao homem. Elas representam as muitas mulheres que sofrem agressão e se calam por se sentirem culpadas. Elas seguem a vida, tornam-se independentes, ocupam o lugar de mãe e pai de seus filhos, mas essas marcas jamais serão esquecidas.

A história de cada uma dessas personagens mostra-nos que hoje já não existe um padrão a ser seguido, o que existe é uma verdade que está internalizada em cada um. E essa verdade, moldada ou não aos padrões patriarcais, transformada ou não numa cultura naturalizada, é a sua verdade, é o que vive e acredita ser o “correto”.

Deste modo, admitimos que ao escrever essas histórias, a autora devolve a maternidade ao lugar que vinha perdendo por causa de algumas teorias feministas. A maternidade é de fato um direito da mulher, porém cabe somente a ela a decisão de exercer ou não essa função, e isso, de fato, quebra a ideologia de que a maternidade é responsável pelas mazelas femininas.

Trazendo para a atualidade acreditamos que o sentido do que é a maternidade vem sofrendo alterações. A maternidade começa aos poucos se desvencilhar do “fator biológico”, mas não se distancia do “amor incondicional”.

A mulher que decide não exercer a maternidade, também sofre recriminação, mas não é tão forte quanto o materno e não amar. O estereótipo de que a mãe é projetora do “amor eterno”, responsável pelos cuidados e educação dos filhos, ainda é muito forte. Se a função é dada ao pai, a mulher é considerada um “monstro sem coração”.

Nossa sociedade ainda é patriarcal e aceitar que uma mãe não ame, proteja e cuide do seu filho é praticamente impossível. A mãe que age contra esses padrões ainda é motivo de escândalo, ainda sofre represália, é considerada doente e na maioria das vezes é submetida a tratamentos para aceitar o filho.

O que não impede de comemorarmos os avanços que aos poucos conseguimos, pois se antigamente a mulher era educada para exercer três funções básicas como: ser esposa, dona de casa e mãe, hoje, com o desenvolvimento da sociedade, ela desempenha vários papéis; é mãe, filha, esposa, escritora, profissional, estudante, empresária, ela é o que quiser ser, e mesmo que ainda sofra preconceitos, já ocupa seu lugar de cidadã e luta por direitos igualitários. Aos poucos, nós mulheres, percebemos nossa força, e nos damos o direito de escolha, independente de opiniões alheias, começamos a defender o que queremos e acreditamos ser o melhor para nós.

E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam.

Consertei a minha vida, cuja mola estava enferrujando. Eu mesma imprimi novos movimentos aos meus dias. (EVARISTO, 2016, pág. 67/99)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. 2. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: DIFEL, 1975.

Cinderela, o conto. **Revista Eletrônica Contos de Grimm**. Disponível em: <<https://www.grimmstories.com/pt/grimm-contos/pdf/a-gata-borracheira-cinderela.pdf>>. Acesso em: 10/04/2018.

DAY, Vivian Peres et al. **Violência doméstica e suas diferentes manifestações**. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul* [online]. 2003, vol.25, suppl. 1, pp.9-21. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a03v25s1.pdf>> Acesso em: 25/04/2018.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**/Conceição Evaristo. 2. ed.- Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Gênero: revista do programa de pós-graduação em letras e do centro de estudos luso-afro brasileiros da PUC Minas, v. 13, n. 25, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>>. Acesso em: 15/03/2018.

FEITOSA, André Pereira. **O reverso da maternidade idealizada em The Biggest Modern Woman of the world de Susan Swan**. XI Congresso Internacional da ABECAN: 20 anos de interfaces Brasil - Canadá. 26-24/out de 2011, Bahia. Disponível em: <<http://www.anaisabecan2011.ufba.br/Arquivos/Feitosa-Andre.pdf>>. Acesso em: 03/05/2018.

LAURA PORTO, Maria; NEVES DO AMARAL, Waldemar. **Violência sexual contra a mulher: Histórico e conduta**. *Rev. Femina*; 42(4)jul-ago. 2014. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-737138?lang=es>>. Acesso em 19/04/2018.

MACHADO, Barbara Araujo. **“Escre(vivência)”**: a trajetória de Conceição Evaristo. Gênero: revista História Oral, v. 17, n. 1. P. 243-265, jan/jun, 2014. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=343&path%5B%5D=pdf>>. Acesso em: 16/05/2018.

MATURANA, Humberto. Transcrição do tópico intitulado **Cultura Patriarcal** do capítulo **Conversações Matrísticas e Patriarcais** do livro de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller (1993): *Amor y Juego: Fundamentos Olvidados de lo Humano - Desde el patriarcado a la democracia*, traduzido e publicado no Brasil como **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano - Do patriarcado à democracia** (São Paulo: Palas Athena, 2004). Disponível em: <[http://www.noos.org.br/userfiles/file/CulturaPatriarcal\(Maturana\).pdf](http://www.noos.org.br/userfiles/file/CulturaPatriarcal(Maturana).pdf)>. Acesso em: 25/04/2018.

Sinônimos para madrasta – **Dicionário de sinônimos online**, 2011 – 2018, 7 Graus. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/madrasta/>> Acesso em: 09/05/2018.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. **Ressignificando a maternidade**: psicanálise e literatura. Gênero: revista do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero, Niterói, v.5, n. 2, p. 65-79, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3781>>. Acesso em: 12/03/2018.

_____. **O corpo da mãe na literatura**: uma ausência presente. 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/3785/1/CAPITULO_CorpoM%C3%A3eLiteratura.pdf>. Acesso em: 13/03/2018.